

Caminhos percorridos pela literatura infantil - uma revisão bibliográfica / *Pathways travelled by children's literature - a bibliographical review*

*Dagmar de Mello e Silva**

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Gama Filho (1985), mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2002), doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009) e Pós-Doutorado em Filosofia da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014). Atualmente é professora adjunta IV da Universidade Federal Fluminense.

 <http://orcid.org/0000-0002-5863-3607>

*Laila Pinto Vilela***

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (2013) e Pós-Graduação em Psicopedagogia pela AVM-Faculdade Integrada/ Cândido Mendes (2015). Atualmente é professora de Núcleo Comum do Colégio Pedro II e Mestranda no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense.

 <http://orcid.org/0000-0001-6870-5822>

*Ruth Maria Mariani Braz****

Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense. Especialização Lato Sensu em Educação Física Especial na Área de Deficiência Mental (Universidade Castelo Branco). Graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

 <http://orcid.org/0000-0003-2224-9643>

Recebido em 09 ago. 2019. **Aprovado** em: 04 nov. 2019.

Como citar este artigo:

VILELA, Laila Pinto; MARIANI BRAZ, Ruth Maria; E SILVA, Dagmar de Mello. Caminhos percorridos pela literatura infantil: uma revisão bibliográfica. *Revista Letras Raras*, Campina Grande. v. 8, n. 4, dez. 2019, p. Port. 201-216 / Eng. 193-207. ISSN 2317-2347.

RESUMO

Este artigo é uma revisão bibliográfica sobre a literatura infantil, pois no atual momento político que o Brasil vive, onde os livros que utilizamos em salas de aulas são questionados por grupos extremistas, queremos retornar a discussão sobre os caminhos percorridos pela literatura infantil no Brasil. Assim, esse artigo pretendeu ser um

*

 dag.mello.silva@gmail.com

**

 lailavilela@bol.com.br

 ruthmariani@yahoo.com.br



<http://dx.doi.org/10.35572/rtr.v8i4.1381>

convite para refletirmos sobre nossa postura no mundo, utilizando a literatura como um dispositivo que potencializa e sensibiliza nossa capacidade de pensar e refletir sobre a vida numa perspectiva mais ética. Procuramos utilizar os referenciais mais modernos, mas não descartamos as obras primárias, pois entendemos que elas são a base do conhecimento. Obtivemos como resultado que o valor da literatura para qualquer sociedade é imensurável, pois ajuda na formação de cidadãos mais críticos, nas transformações sociais e nas reformulações de (pre)conceitos. Assim, chegamos conclusão que: a literatura tem uma intencionalidade e ela poderá contribuir para desnaturalizar discursos excludentes, segregadores e formar cidadãos que contribuam para o respeito e a inclusão, em um movimento que permita reconhecer práticas excludentes que estão no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infanto- juvenil; Formação de leitor; Inclusão; Diversidade.

ABSTRACT

This article is a bibliographical review on children's literature, because in the current political moment we are living in Brazil, where the books we use in classrooms are questioned by extremist groups, we want to return to the discussion about the paths travelled by children's literature in Brazil. Thus, this article is intended to be an invitation to reflect on our position in the world, using literature as a device that enhances and sensitizes our ability to think and reflect on life in a more ethical perspective. We seek to use the latest references, but we do not discard the primary works, because we assume that they are the basis of knowledge. We have come to the conclusion that the value of literature for any society is immeasurable, since it helps in educating more critical citizens, in bringing about social transformations and in reformulating (pre) concepts. The conclusion that we have reached is that literature has intentionality, and it can contribute to denaturalize exclusionary discourses, and to form citizens that contribute to respect and inclusion, in a movement that allows recognizing excludable practices that are in the world.

KEYWORDS: Language Teacher Education; Curriculum; English.

1 Introdução

A literatura possibilita ao homem construir sua visão de mundo. É um fenômeno coletivo, na medida em que traz as informações para a construção e até mesmo a evolução das sociedades (CANDIDO, 2000). Nessa mesma esteira, Brito (2008) afirma que “na história ocidental, pelo menos, a literatura sempre serviu para deleitar e instruir” (BRITO, 2008, p.100). O autor traz em seu texto, as impressões da literatura de dois reconhecidos pensadores: Umberto Eco e Calvino e nos afirma que a literatura, para ambos, representa uma forma de (re) conhecer-se no mundo, na vida. Nesse sentido, ela se opõe à indústria do entretenimento, o que não significa dizer que ela não deva ser leve, exata, múltipla.

O autor menciona ainda o pensamento de Sartre ao dizer que este:

(...). Defendia a necessidade de a literatura comprometer-se com a humanidade. Para ele, a literatura redescobre sua função na sociedade quando a sua percepção da realidade passa a ser constituída pela consciência da historicidade. Isso significa um mergulho brutal na atualidade de cada um (BRITO, 2008, p.100).

As referências trazidas por Brito (2008) dialogam com as reflexões da pesquisadora Regina Zilberman quando esta afirma que “é desta coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa o seu destinatário que emerge a relação entre a obra e o leitor” (ZILBERMAN, 1994, p. 23). Nelly Novaes Coelho também afirma que “é a literatura-verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte” (COELHO, 2000, p.15).

A pesquisadora destaca o valor da literatura na transmissão e transformação de cultura e valores:

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. *Literatura oral* ou *literatura escrita* foram às principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados (COELHO, 2000, p.16).

Acrescente-se que para ela, a escola se destaca como o lugar do encontro entre livro e leitor:

(...) A escola é hoje, o *espaço privilegiado*, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E nesse espaço, privilegiamos os *estudos literários*, pois de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo da *língua*, da expressão verbal significativa e consciente- condição sine qua non para a plena realidade do ser (COELHO, 2000, p.16, grifos da autora).

Estes são pensamentos que nos dão subsídios para trabalharmos a literatura como instrumento para a formação de futuros defensores da diversidade e da inclusão, como Vieira (2019) defende em sua pesquisa sobre a presença do deficiente visual na literatura infantil:

A fantasia é peculiar da literatura infantil, entendemos até mesmo como imprescindível para o desenvolvimento do imaginário das crianças; contudo, quando se trata de pessoa com deficiência visual é necessário que nos distanciemos dos personagens místicos, para que não continuemos como na antiguidade, trabalhando em prol da desumanização das pessoas (VIEIRA; 2019; p.142).

Pessoas que mesmo diante da indiferença e do individualismo narcísico que prepondera nas subjetividades contemporâneas, ainda assim, sejam capazes de se chocarem frente aos anestesiamientos da sociedade. Acreditamos que através dessa formação, essas pessoas sejam capazes de desnaturalizarem toda forma de exclusão.

Assim, esse artigo pretendeu ser um convite para refletirmos sobre nossa postura no mundo, utilizando a literatura como um dispositivo que potencializa e sensibiliza nossa capacidade de pensar e refletir sobre a vida numa perspectiva mais ética.

Chamamos **ética** não a um dever para com a Lei ou o Bem, nem tampouco a um poder de segregar ou distinguir o puro do impuro, o joio do trigo, o Bem do Mal, mas a uma **capacidade da vida e do pensamento que nos atravessa em selecionar, nos encontros que produzimos algo** que nos

faça ultrapassar as próprias condições da experiência [...] (FUGANTI, 2005, p. 5, grifos do autor).

Dessa forma nos referimos à leitura e à literatura como fontes de formação para o cidadão crítico e consciente das diferentes e refutáveis realidades que o cercam e das mudanças que são necessárias para que todos, de fato, tenham condições de se afirmarem no mundo com suas diferenças.

2 Metodologia

Para atender o objetivo deste artigo, inicialmente realizamos pesquisas bibliográficas nas bases acadêmicas para obtenção de informações sobre como vem sendo trabalhada a literatura infantil sobre a diversidade humana. Essa pesquisa bibliográfica nas bases acadêmicas teve início em outubro de 2017 e foi desenvolvida através das palavras-chave como: literatura infanto-juvenil, formação de leitor, inclusão, diversidade humana, durante o período dos últimos cinco anos.

As plataformas pesquisadas foram:

- ❑ Scientific Electronic Library Online (<http://www.scielo.org/php/index.php>);
- ❑ Google acadêmico (<https://scholar.google.com.br>);
- ❑ Eric (<https://eric.ed.gov>);
- ❑ Educapes (<https://educapes.capes.gov.br>);
- Periódicos da Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br>)

3 Resultados

Como resultado da pesquisa bibliográfica, realizada nas bases acadêmicas mencionadas acima, encontramos artigos que tratam da “literatura infanto-juvenil e inclusão”.

Quando pesquisamos a palavra Inclusão encontramos:

- ✓ Google Acadêmico: 62.000 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 46
- ✓ Scielo: 75
- ✓ Periódicos Capes: 9.589 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 50 (sem restrição de data).

Quando pesquisamos a palavra literatura infanto-juvenil:



- ✓ Google Acadêmico: 11.000 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 2.816
- ✓ Scielo: 15
- ✓ Periódicos Capes: 243 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 6 (os 6 são vídeos).

Para a pesquisa de literatura infanto-juvenil e inclusão, os resultados foram:

- ✓ Google Acadêmico: 5.840 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 249
- ✓ Scielo: 3 (apresentou 2 resultados mas era o mesmo artigo).
- ✓ Periódicos Capes: 41 (selecionei o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 0

Nossas próximas palavras – chaves para pesquisa foram: literatura e formação de leitores:

Para literatura encontramos os seguintes resultados

- ✓ Google Acadêmico: 285.000 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 17.837
- ✓ Scielo: 12.336
- ✓ Periódicos Capes: 70.672 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 1.205 (sem restrição de data)

Para formação de leitores:

- ✓ Google Acadêmico: 15.400 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 218
- ✓ Scielo: 35
- ✓ Periódicos Capes: 536 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 16 (sem restrição de data / 0 artigos)

Para a combinação literatura e formação de leitores os resultados apresentados foram:

- ✓ Google Acadêmico: 14.500 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 30
- ✓ Scielo: 12
- ✓ Periódicos Capes: 400 (selecionamos o filtro somente artigos).

- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 12 (sem restrição de data / 0 artigos).

Para a pesquisa deficiência na literatura infanto-juvenil, os resultados foram:

- ✓ Google Acadêmico: 4.250 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 1
- ✓ Scielo: 0
- ✓ Periódicos Capes: 22 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 0 (sem restrição de data).

Com os resultados quantitativos apresentados, escolhemos artigos, dissertações e monografia, a partir dos títulos e dos resumos que pudessem contribuir para o presente trabalho.

3.1 A linha cronológica da literatura infanto juvenil

As literaturas nascem do registro das narrativas orais, posto que a narrativa não começa com a escrita. No entanto, hoje a literatura só se torna possível com a escrita, embora não tenha surgido com ela. O impulso de contar histórias provavelmente nasceu com a comunicação humana, pois era a forma de passar a sua herança cultural para outras gerações (FREIBERGER; BERBEL, 2010).

Ao entrarmos em contato com os contos populares, podemos perceber a universalidade desses contos (e de outros gêneros orais), sua transversalidade em diferentes contextos sociais e culturais. Portanto, esses contos orais representam os primórdios de nossa literatura.

Coelho (2000) pondera sobre a dificuldade de defini-la com exatidão, para ela:

Cada época compreendeu e produziu a literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às crianças é conhecer os ideias e valores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...), (COELHO, 2000, p.28).

Coelho traz em sua obra *Literatura Infantil – Teoria, análise, didática* (2000), uma análise de dez transformações entre o modo de organização social tradicional e o novo modo de organização social do mundo contemporâneo. Entre as transformações estão: a mudança do espírito individualista para o espírito solidário, do racismo para o antirracismo e o olhar sobre a

infância. A estudiosa/pesquisadora expõe como todas essas transformações impactam na produção literária.

Segundo Coelho (2000) foi por volta dos anos 70 a 80 do século XX, que pudemos evidenciar mudanças que apontavam para uma nova mentalidade na Literatura Infantil e Juvenil. Nesse período, emergiram excelentes escritores e excelentes ilustradores. Essas mudanças implicaram na quebra dos discursos que preservavam “o individualismo e suas verdades como a pedra angular do sistema” (COELHO, 2000, p.19), para dar voz ao espírito solidário, promovendo a consciência de que cada um faz parte de todo maior.

Na literatura infantil/juvenil, surge a tendência de se substituir o herói individual, infalível, “ser de exceção” pelo *grupo*, pela *patota* formada por meninos e meninas normais. Ou então por personagens questionadoras das *verdades* que o mundo adulto lhes quer impor (COELHO, 2000, p.24, grifos da autora).

Sobre a transição de uma sociedade racista para o antirracismo, a autora destaca:

(...) A luta para combater os ódios raciais tão fundamente enraizados em nosso mundo. Valorização das diferentes culturas, que correspondem às diferentes etnias, na busca de descobrir e preservar a autenticidade de cada uma (COELHO, 2000, p. 27).

No que se refere ao impacto na literatura infantil, “mesclam-se, em pé de igualdade, personagens das várias raças, e também é abordado frontalmente o problema do racismo, considerado uma das grandes injustiças humanas e sociais” (COELHO, 2000, p. 27).

Ao analisar a transformação do papel da criança na sociedade tradicional e contemporânea, a autora destaca que na sociedade tradicional ela

(...) é vista como “adulto em miniatura”, cujo período de imaturidade deve ser encurtado o mais rapidamente possível. Daí a educação rigidamente disciplinadora e punitiva; e a literatura exemplar que procurava levar o pequeno leitor a assumir, precocemente, atitudes consideradas “adultas” (COELHO, 2000, p. 23).

Nota-se uma concepção de infância bem distante da que vivemos em nosso atual momento social em que a criança é o centro das preocupações da vida dos adultos, segundo a autora, na sociedade contemporânea, a criança “é vista como um ser em formação, cujo potencial deve-se desenvolver em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar total plenitude em sua realização” (COELHO, 2000, p. 27).

Ao analisar as primeiras histórias infantis, a estudiosa observa que as pesquisas sobre o tema apontam para a relação entre o popular e o infantil, destacando que elas se originam de histórias destinadas aos adultos e que com o tempo se voltaram para as crianças. Popularidade e exemplaridade são alguns dos fatores para essa transição:

Todas as que se haviam transformado em *clássicos* da literatura infantil nasceram no meio popular (ou em meio culto e depois se popularizaram em adaptações). Portanto, antes de se perpetuarem como *literatura infantil*, foi *literatura popular*. Em todas elas havia a intenção de passar determinados valores ou *padrões* a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo indivíduo em seu comportamento (COELHO, 2000, p. 41).

Percebemos que a autora coloca três períodos importantes para a literatura infantil Brasileira: de 1808 – 1919, temos o período Pré-Lobatiano; entre 1920-1970, o Brasil vive o período Lobatiano, uma era Moderna; e a partir 1970, vivemos a fase pós-moderna, Período Pós-Lobatiano.

A pesquisadora Regina Zilberman (1994) afirma que: “os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes desse período, não se escrevia para elas, porque não existia a “infância” (ZILBERMAN, 1994, p. 13). As crianças por muito tempo foram consideradas adultas em miniatura, como o historiador francês Philippe Ariès (1986), quem primeiro faz essa constatação da criança como um adulto em miniatura e participavam de uma vida social de forma completamente diferente do que vivemos hoje. Sobre a literatura, a autora afirma que:

(...) ela sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciada e diferente as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor (ZILBERMAN, 1994, p. 22).

Especificamente sobre a literatura infantil brasileira, a professora e pesquisadora destaca que essa surge como gênero literário em fins do século XIX. Nessa época, nosso país passava por transformações sociais e econômicas que impactaram a vida social do brasileiro como consequência da Revolução Industrial.

Gregorin Filho (2009) destaca que há dois momentos: anterior a Lobato, com viés moralizante, de submissão, patriotismo etc e pós Lobato com uma literatura de fato voltada para

o universo infantil, mais livre e com investimento lúdico em seu texto, nesse sentido, a literatura infantil passa “de instrumento pedagógico de concepção moralizante do passado, ela passa a espelhar a sociedade com suas relações, necessidades, questionamentos e padrões estéticos” (GREGORIN FILHO, 2009, p.36). A obra de Monteiro Lobato também é o marco destacado por Laura Sandroni (2008), ao afirmar que:

(...) com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, em 1921, José Bento Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de “fase literária de produção brasileira destinada a crianças e jovens” (...) sua obra foi um salto qualitativo comparada aos autores que o precederam, já que é toda permeada do âmbito de debates sobre temas públicos contemporâneos ou históricos que problematiza de modo que seja compreendido por crianças e expressa em linguagem original e criativa, na qual sobressai a busca do coloquial brasileiro, antecipatória do modernismo” (SANDRONI, 2008, p. 219-220).

Entre os destaques feitos pela autora sobre as obras de Monteiro Lobato, a presença da temática do folclore é uma das que salta aos olhos. “Ele foi o primeiro a fazer do folclore tema sempre presente em suas histórias” (SANDRONI, 2008, p.220). Além disso, a estudiosa chama a atenção para a presença do contexto histórico e social em suas obras, como por exemplo, a defesa da democracia, presente na forma como se organiza a convivência dos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Para a especialista, a importância de Monteiro Lobato para a literatura foi tão significativa que teria, de certa forma, impedido que outros autores, com raras exceções, tivessem sucesso. Para ela, esse quadro começa a mudar nos anos de 1970, período em que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) é publicada e exige que as escolas de primeiro grau adotem livros de autores brasileiros. Além deste marco, Sandroni (2008) destaca também a criação, em 1968, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da revista *Recreio*, “ao lançar jovens autores que hoje constituem os clássicos contemporâneos do gênero” (SANDRONI, 2008, p.221).

Sandroni (2008) cita diversos autores dos anos de 1970, como Fernando Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Marina Colassanti e dá um destaque para a qualidade da obra de Lygia Bojunga Nunes, “nesse grupo de autores que problematizam os problemas da sociedade contemporânea, seja no aspecto das relações humanas, seja nas implicações psicológicas de que a criança é vítima” (SANDRONI, 2008, p.222). Nessa época, segundo a pesquisadora, há também uma revalorização da cultura popular. Ela cita autores como Ziraldo, Antonieta de Moraes e Joel Rufino dos Santos. Destaca também a utilização do humor para que se reflita

sobre o contexto histórico e social nas produções de Sylvia Orthof, Edy Lima e João Carlos Marinho. Sobre a década de 1980, um dos apontamentos feitos por Sandroni (2008) é a valorização dada à ilustração dos livros infantis.

No mesmo artigo, Laura Sandroni destaca que o ano de 1982 foi fundamental nesse percurso histórico da literatura infanto-juvenil, no Brasil, pois foi nesse ano que Lygia Bojunga Nunes foi agraciada com o prêmio Hans Christian Andersen pelo conjunto de sua obra, sendo, portanto, a primeira vez que nossa literatura atingiu esse patamar.

Ao analisar a década de 1990, Sandroni (2008) afirma que o período:

Caracteriza-se pela melhoria de qualidade das edições brasileiras. Finalmente as editoras deram-se conta de que a criança é o futuro leitor adulto, e, portanto, é preciso fazer o melhor para conquistá-la: um bom texto, uma boa ilustração, impresso em papel de qualidade, com uma boa diagramação e um tipo de letra adequado à sua capacidade de leitura (SANDRONI, 2008, p.228).

Outros dois momentos importantes para a literatura brasileira destacados pela mesma pesquisadora aconteceram em 2000 e em 2003. No ano 2000, foi a vez de Ana Maria Machado receber o prêmio Hans Christian Andersen; e em 2003, Lygia Bojunga recebeu o prêmio sueco Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA). Algo peculiar aconteceu nessa premiação: o valor da premiação foi dividido entre autor, ilustrador e especialista, mas em 2003, o júri sueco decidiu por unanimidade dar o prêmio exclusivamente a autora Lygia Bojunga.

Defendemos a Literatura como espaço e tempo para a formação humana de pessoas críticas, reflexivas e autônomas.

Sobre o contato com a literatura infantil, Costa (2007) afirma que “(...) a criança estará formando o modo de pensar, os valores ideológicos, os padrões de comportamento de sua sociedade e, em especial, estará alimentando seu imaginário” (COSTA, 2007, p. 27). Assim, oferecer livros que tratem de temas que, historicamente, foram negados a boa parte da população economicamente desfavorecida em nosso país, livros que tratem de questões sobre a vida, as diferentes culturas e a história de diversos grupos que compõem a sociedade pode favorecer uma formação voltada para o respeito à diversidade e sua valorização.

“Aniquilar o homem é tanto privá-lo de comida quanto privá-lo de palavra!!!” Essa conhecida frase do filósofo Walter Benjamin (1892-1940, s/p), expressa a necessidade da presença da literatura na formação humana. Mas também, a interpretamos como um grito de

indignação frente a toda forma de cerceamento ou censura ao livre acesso de obras que nos convidam a pensar criticamente as supostas verdades que são impostas.

Sabemos que a censura em nosso país tem raízes fincadas ainda na atuação da Inquisição em Portugal, passando por vários períodos de nossa história. Mas, nem mesmo a memória desse passado, nos livrou de presenciarmos a História se repetir nos dias atuais. Contudo, o professor e ex-ministro da educação Renato Janine Ribeiro, em seu texto *O Direito de Sonhar* (2002), alerta que a censura jamais conseguirá reprimir a liberdade de pensamento e a imaginação. Segundo Ribeiro (2002): “Se quisermos combater a censura, não será ridicularizando seus excessos, mas contestando seu cerne. Não será zombando de seus erros, mas defendendo a capacidade que tem o pensamento – e a fantasia – de criar mundos novos” (RIBEIRO, 2002, p.15).

E é nessa perspectiva que defendemos a literatura, posto que ela pode ser um dispositivo que alimenta a nossa fantasia e liberta o pensamento das amarras doutrinárias.

Gregorin Filho (2009) classifica os livros que fazem parte do cotidiano da escola em três categorias:

Didáticos: aqueles que são referências para a aprendizagem das disciplinas formadoras do currículo. De apoio didático: publicações utilizadas para o aprofundamento dos diferentes tópicos de cada disciplina, enriquecendo a formação do aluno. De Literatura: livros de ficção, linguagem artística (GREGÓRIO FILHO; 2009; p.73).

Segundo o autor, essa classificação é fundamental para “ a percepção dos livros de leitura literária como aliados no desenvolvimento da afetividade e imaginação do aluno” (GREGÓRIO FILHO, 2009, p.73) e constituíram dois pontos fundamentais na construção do nosso trabalho uma vez que visa a formação para o respeito e a valorização da diversidade.

As diferenças fazem parte da vida humana e através da literatura podemos abordar esse tema em nosso dia a dia na escola. O mundo da leitura é capaz de nos levar, através de nossa imaginação, a diferentes lugares, fomentando discussões fundamentais sobre respeito, cidadania, desigualdade, diversidade e direitos humanos.

3.2 A Literatura e Formação de Leitores.

Ricardo Azevedo (2004) discute sobre a realidade de muitas crianças que ouvem falar sobre o “prazer da literatura” e sobre a importância do estímulo, por parte dos adultos, no

incentivo à leitura; porém, destaca o fato de muitos desses adultos não serem leitores. Segundo o autor, eles são adeptos da filosofia do “faça o que eu digo, não faça o que faço” (AZEVEDO, 2004, p.1). Destaca ainda “que a leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação” (AZEVEDO, 2004, p.1).

Além destas dificuldades, temos ainda a realidade das crianças, especialmente das classes sociais mais desfavorecidas, que muitas vezes são filhos e filhas de pais analfabetos e por isso crescem distantes do universo de leitura e da escrita. A escola torna-se para elas o único lugar em que o livro de literatura está ao alcance de suas mãos e espaço de valorização deste hábito. Sobre esse tema, Azevedo (2004) menciona a importância dos contos populares na formação do jovem leitor:

É muito bom quando alguém – principalmente se for um jovem – descobre que, além de regras, informações e lições, um livro pode abordar os temas da vida humana concreta. Terá, creio, uma boa chance de tornar-se um leitor e, mais, cheio de entusiasmo diante do que leu, indicará o texto a seus amigos, contribuindo assim para a formação de outros leitores (AZEVEDO, 2007, p.8).

Por acreditar que a literatura tem importância fundamental na formação das crianças e jovens, temos que estar atentos aos textos que são oferecidos aos alunos, pois assim como podem estar a serviço da formação humana consciente podem contribuir para reforçar preconceitos e estereótipos relativos a deficiência e a diversidade.

A literatura é um produto cultural e sempre devemos estar atentos ao que é oferecido aos estudantes. Escola e literatura caminhando, assim, lado a lado para formação humana amparadas em valores de respeito à diversidade, às diferenças e à inclusão. Azevedo (2004) ainda destaca que a formação do leitor exige comunhão:

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e este se justifica e se legitima justamente através da comunhão estabelecida (AZEVEDO, 2004, p.2).

Sugerimos assim, que os títulos dos livros devem ser escolhidos junto com os alunos, pois eles poderão ser co-autores da sua formação como leitores, como sugere Azevedo (2004).

Gregorin Filho (2009) aponta para as críticas que a literatura infantil, por vezes, sofre em seu prestígio social e acadêmico e relembra algo fundamental em sua valorização já que “os

valores discutidos na literatura para crianças são valores humanos, construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas” (GREGÓRIO FILHO, 2009, p.15).

A serviço de que valores, que podemos usar os textos literários na escola? Numa sociedade que pouco lê, que ainda tem milhões de analfabetos, escolher usar a literatura a favor da inclusão é um duplo desafio que precisa ser assumido pelo professor.

Em 2016, o Instituto Pró-livro publicou os resultados da 4ª edição da *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*, executada pelo Ibope e realizada pelo próprio Instituto, para saber sobre os hábitos de leitura em nosso país. De acordo com o documento, o Instituto tem como “principal objetivo o fomento à leitura e a difusão e acesso ao livro”. (Instituto Pró-Livro, 2016, p.5) e estabelece como missão “Transformar o Brasil em um país de leitores” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p.5). Os dados apresentados mostram que entre os ouvidos pela pesquisa, em 2015, 8% se declararam “não alfabetizados” ou que “não frequentou escola formal” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p.16).

A respeito do conceito de livro, o documento estabelece: “consideram-se livros em papel, livros digitais ou eletrônicos e áudio livros digitais, livros em braile e apostilas escolares, excluindo-se manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais”. O INSTITUTO “PRÓ-LIVRO (2016, p.9) consideram como livros lidos em partes aqueles os quais os entrevistados leram apenas algumas partes, trechos ou capítulos” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p.9).

O Instituto define como Leitor “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses” e como não leitor “aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses, (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p.21). Nos dados da última pesquisa, 44% dos entrevistados se declararam não leitores.

O documento mostra também a principal motivação para ler um livro, apenas 1/4 respondeu que a leitura é por *gosto*¹. São dados preocupantes e alarmantes que mostra o quanto ainda temos que caminhar em direção ao gosto pela literatura e pela leitura. Importante salientar que nessa perspectiva de valorizar a literatura e a inclusão, não concebemos as obras com uma função didático-moralizadoras, mas sim arte, arte literária. Nesse sentido, Gregorin Filho afirma que:

¹ A publicação dos resultados da pesquisa encontra-se disponíveis em:
http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf

(...) autores como Pedro Bandeira, Calor Queiroz Telles, Lúcia Pimentel Góes, Roseana Murray e Ziraldo, entre outros, trazem as vozes das crianças e o universo cotidiano com seus conflitos para serem lidos/vistos/sentidos na literatura infantil de hoje, conflitos esses levados às crianças com uma proposta de diálogo, não somente de imposição de valores, por meio de uma literatura que busca a arte, sua característica primeira GREGÓRIO (FILHO, 2009, p.30).

É a partir dessa concepção de literatura que se pode desfrutar da possibilidade de discutir os valores e as práticas sociais de nossa sociedade, de compreender que o discurso da meritocracia por vezes mascara as condições sociais adversas que as classes sociais mais desfavorecidas enfrentam, como se para vencê-las só fosse necessário empenho. Referimo-nos a dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam na escola, onde muitas vezes os seus direitos não são cumpridos, para além de constringimentos mais gerais como o racismo que oprime a população negra, o machismo que reduz o papel e importância das mulheres na sociedade e no mercado de trabalho e que justifica a violência contra elas. Gregorin Filho (2009) traz uma afirmação clara e objetiva a esse respeito. Para ele

(...) aprender a ler e utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e tornar-se agente de modificações na sociedade em que vive (GREGÓRIO FILHO, 2009, p.51).

Esta afirmação vai ao encontro da proposta de fomentar as discussões de inclusão, respeito e diversidade a partir dos livros literários, na esperança de que a literatura contribua para a formação de pessoas que não permitam que as diferenças sejam tomadas como razão para exclusão, negação de direitos ou justificativos para que as questões sociais sejam naturalizadas, quando na verdade são sociais e historicamente construídas por nós em nossa sociedade.

Considerações finais

Chegamos ao final deste trabalho com a convicção de que a literatura pode estar a serviço da formação para o respeito da diversidade humana. Encontramos livros que em nada lembram manuais ou receituários de boas maneiras com viés moralizante. Pelo contrário, a subjetividade das narrativas e a delicadeza com que tratam os temas da diversidade nos surpreenderam. Eram livros assim que estávamos buscando para compor o nosso pequeno acervo.

Desnaturalizar as diversas formas de exclusão ao longo da formação dos nossos alunos é um passo importante para a construção de uma sociedade mais justa e democrática que está garantida em tantos textos legais, mas que não se vive suficientemente na prática. Um desafio que se coloca na escolha dos livros de literatura a serem indicados como favoráveis a promover as discussões e atividades que promovam a diversidade e inclusão é a dificuldade em se distinguir, academicamente, o que é literatura infantil e juvenil de qualidade.

Quanto a essas considerações, Gregorin Filho (2009) tece um panorama sobre as “linhas teóricas mais utilizadas na pesquisa e no ensino da literatura infantil para a orientação do trabalho em sala de aula” (GREGORIN FILHO, 2009, p.59). O autor elenca as seguintes linhas: crítica literária, linguística, histórico-social, semiótica, didático-pedagógica, psicanalítica e comparatista. Sinaliza ainda o preconceito que a literatura infantil enfrenta diante da crítica literária que comumente lhe atribui um valor menor. Assim, o ato da escolha de um livro por uma escola é um ato político e deve ser coletivo, junto com a academia e a sociedade.

Referências

ARIÈS, Philippe. La infancia. *Revista de educación*, 1986, 281: 5-17.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a Literatura. In SOUZA, Renata Junqueira de. (org.), *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo 1ª ed.: 2004.

_____. Conto popular, literatura e formação de leitores. 2007. Disponível em <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Contos-populares.pdf> . Artigo escrito originalmente para o programa educacional “Salto para o futuro” e disponível no site <http://www.tvebrasil.com.br/salto>). Publicado em Revista Releitura. Publicação da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. Abril, nº 21, 2007.

BRITO, Luiz Percival Leme. Literatura, Conhecimento e Liberdade in *Novos Caminhos da Literatura* / [realização] Instituto C&A; [apoio] Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil- São Paulo: Peirópolis;2008, p. 94 - 101

CANDIDO, Antonio, et al. *Literatura e sociedade*. 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Marta Moraes da. *Metodologia do Ensino da Literatura Infantil*. Curitiba. Ibplex.2007

FREIBERGER, Regiane Müller; BERBEL, Neusi Aparecida Navas. A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental. *Cadernos de Educação*, 2010, 37.

FUGANTI, L. (2005). A Ética como potência e a moral como servidão. Disponível em <http://www.luizfuganti.com.br/escritos/textos/68-etica-como-potencia-e-moral-como->

servidao?format=pdf. Acesso em 30 de abril de 2018.

GREGORIN FILHO, Nicolau. *Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. 1.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

SANDRONI, Laura. A década de 1970 e a renovação da literatura infantil e juvenil in *Novos Caminhos da Literatura* / [realização] Instituto C&A; [apoio] Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil- São Paulo: Peirópolis;2008, p. 218 – 228.

RIBEIRO, Renato Janine. *O Direito de Sonhar* CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.) *Minorias silenciadas: a história da censura no Brasil*. São Paulo: EDUSP / Imprensa Oficial do Estado / FAPESP, 2002. 614 p

VIEIRA, Cristiane Rodrigues; *Literatura e Inclusão: Formação de respeito a diversidade*; Dissertação de Mestrado profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense; 2019.

ZILBERMAN. Regina. *A literatura infantil na escola*. 9ªed. São Paulo: Global, 1994